

População quer lote mais barato

“A maior reivindicação dos moradores pioneiros da Ceilândia até hoje não foi atendida pelo Governo do Distrito Federal. O GDF se nega a cumprir com o compromisso feito à época da criação da cidade, de oferecer aos moradores das antigas invasões um lugar seguro para morar, a preço condizente com as suas condições, desde que aceitassem ser removidos para a Ceilândia. O que vemos agora são os moradores pioneiros levando à venda os seus barracos, por não terem condições de saldar a sua dívida junto à Terracap”, denunciou o presidente da Associação dos Incapáveis Moradores da Ceilândia (Assimoc), Eurípedes Pedro de Camargo.

Ele acredita que os benefícios urbanos recebidos pela cidade nesses 10 anos de vida devem ser creditados à própria comunidade, que para lá se deslocou enfrentando “por anos e anos a falta d’água, a poeira, as erosões e a forte ventania de um cerrado virgem que era a Ceilândia”.

— O que não aceitamos — disse Eurípedes — é ter que pagar agora por nossos lotes preços de até 170



Os barracos são vendidos pelos pioneiros, que não podem saldar a dívida

mil cruzeiros, quando 5.600 famílias, das 17 mil que se deslocaram para a Ceilândia, conseguiram quitar os seus lotes a preços simbólicos. Por que agora esses preços levando em conta as benfeitorias que recebemos quando foram elas frutos de todos os dissabores que

passamos por acreditar na cidade?

VIOLÊNCIA

Para o presidente da Assimoc os altos índices de criminalidade verificados na cidade são todos decorrentes “da violência que se pratica contra os seus moradores que já acordam sem poder comprar o leite; enfrentam os altos preços dos transportes coletivos e se debatem por optar em ter que fazer suas refeições na rua e correr o risco de ficar sem dinheiro para voltar para casa”.

Salientou que apesar das benfeitorias que vêm sendo realizadas na cidade, muitas delas estão chegando até tardiamente, como é o caso da rede de esgoto. “Quase todos os barracos aqui contam com 4 a 5 fossas arrebentadas e a Caesb cobra taxas muito altas para esvaziar uma fossa”. Disse ainda Eurípedes Camargo que apesar da Ceilândia contar hoje com casas que são verdadeiras mansões, “a grande maioria dos moradores pioneiros não pôde ainda sequer trocar as tábuas que trouxeram das invasões para o novo barraco na Ceilândia”.